Réquiem para 2025[1]

Adhemar Bahadian

Sóbrio e soturno assisti a saída de 2025, o ano da irracionalidade absoluta.

Em seus estertores, 2025 me pareceu uma ratazana a arrastar-se em busca do submundo maquiavélico de onde nunca deveria ter saído.

Deixa atrás de si um rastro de sangue. Deixa em nós a inapagável constatação de que ainda somos peões de um jogo de xadrez manipulado por forças de um submundo pantanoso, escorregadio e vil. Um jogo de mentiras, onde a autoridade se vestiu com a sombria capa do autoritarismo e a Democracia foi algemada numa espiral de ódio a seus princípios mais básicos e indiscutíveis.

Impossível evitar a comparação com os anos do nazismo, quando o mundo de nossos pais foi arrastado a uma destruição que julgávamos insana. E a insanidade volta com maior ousadia, transfigurada numa mensagem supostamente abençoada por deuses, a não esconder seu conluio com os piores demônios de nossas almas.

2025 foi o ano da irracionalidade absurda. Ano em que, em nome de seitas e religiões, o homem se julgou autorizado a promover a hecatombe. A Faixa de Gaza é um pesadelo recorrente.

Trágico, ridículo e humilhante o salto regressivo dos Estados Unidos que minha geração aprendeu a admirar. País outrora aberto a toda fome e sede de humilhados e afugentados, sempre recebidos sob o símbolo da tocha da Liberdade. Farol do Novo Mundo às margens de Nova York.

País hoje irreconhecível na sua prepotência interna e na hostilidade externa, em nome de um imperialismo caricatural em que frotas navais nucleares transformam mares internacionais em campos de caça de cabras-cegas.

País a que devemos as reuniões de Dumbarton Oaks e Bretton Woods, berço da Carta das Nações Unidas e de batismo de um Mundo regido pelo Direito Internacional.

E tudo a desmoronar por drones, como hordas de gafanhotos famigerados, a destruir desde a Agência de Desenvolvimento até as forças de Paz da ONU. O uso reiterado do Veto a inúmeras propostas de Paz. Um escárnio.

A desmoralização da Europa pelo antigo aliado inconteste, na voz cínica do Vice- Presidente Vance, reduz a cinzas nossa impressão de que estávamos apenas diante de um desatino. Estamos envolvidos nos tentáculos de uma ideologia. Basta ler o manifesto da Heritage Foundation, onde tudo se expõe sem pudor.

Ideologia da ganância. Da submissão. Da erradicação de vacinas contra doenças que se consideravam extintas. Voltam o sarampo, a catapora, quem sabe a paralisia infantil. Que demônios povoam a mente de gente assim?

1 Publicado originalmente em 10/01/2026. Acesso: **Réquiem para 2025. - Adhemar Bahadian**

Numa volta ao pior dos tempos da Inquisição, fecham-se Universidades e centros de pesquisa. Universitários são enviados algemados a seus países de origem. Pais são separados de seus filhos, numa violência de Herodes. O imigrante é antes de tudo um vírus a ser extirpado.

A que tempo seria preciso retroceder para encontrar esta fúria assassina?

Numa inversão drástica do humanismo, os pobres são considerados escória a serem jogados na vala comum do esquecimento. Conquistas sociais históricas foram ridicularizadas e, em seu lugar, se aprofundam os desníveis entre super- miseráveis e super-ricos.

As acusações inomináveis contra os imigrantes de países amigos e vizinhos, chamando-os de psicopatas, estupradores e assassinos lembram as mesmas táticas nazistas que se valeram de pseudas teorias científicas para esterilizar e eliminar os judeus.

A associação espúria entre conglomerados econômicos e o governo também sugere as mesmas estratégias de aniquilamento de uma oposição ainda que limitada aos desígnios autoritários de uma nova ordem.

A ruptura das regras mais comezinhas do Direito Internacional e do relacionamento econômico procuraram sempre e sistematicamente abolir a soberania dos Estados e legalizar um neocolonialismo perverso e estelionatário.

O Brasil, com uma balança comercial claramente deficitária, sofreu constrangimentos por razões ideológicas flagrantes a estimular uma subversão de fora para dentro, acolitada aqui por um lesa-patriotismo felizmente repudiado pela maioria da população.

As demissões em massa de comandantes militares, críticos ao uso abusivo das Forças Armadas americanas como instrumento de intervenção política nos governos estaduais refratários ao autoritarismo, lembrou o pior dos piores Estados-Parias.

Graças a um governo solenemente digno, o Brasil não se curvou a uma rendição em tudo e por tudo destinada a nos emascular como povo e como nação.

Nem assim deixamos de viver um 2025 em que parcela significativa de nossos representantes eleitos para o Congresso Nacional nos envergonharam profundamente por um oportunismo político digno de Calabar.

A Câmara dos Deputados, em especial, com sua avidez e despudor em monetizar a ação política e constitucional, prestou invejável serviço aos descrentes da Democracia e do debate parlamentar.

A forma e o estilo rasteiro e moleque com que alguns deputados se dirigiram a representantes do Executivo convidados a falar sobre suas pastas, nos revoltam a todos, independentemente de nossas preferências políticas. Nunca vimos tanto desrespeito, tanta descortesia e tanto despreparo numa Casa que se intitula representante do povo.

As emendas parlamentares, gordas e pesadas tetas, mamadas sem que sequer se admita identificar seus descaminhos, nos fazem parecer diante do mundo um palco de institucional depredação do patrimônio popular.

É ignóbil que, para se engordar os 50 bilhões de reais das emendas parlamentares, se reduzam os orçamentos sociais. Esses senhores, afinal, representam a quem? Até quando, como Catilina, pretendem abusar da paciência do povo que os elegeu?

E mesmo assim, com essa escória que nos indigna, chegamos ao fim deste ano de 2025 com inatacáveis resultados positivos. Econômicos e políticos.

Apesar deste quinta-colunismo escancarado, apesar das mentiras deslavadas, apesar da ignorância, da incompetência e da indiferença com que este povo foi tratado, apesar da indecência de nos considerar como servos da gleba, nós hoje esfregamos na cara de todos a lama com que quiseram nos destruir em associação com o pior ano político e moral da história contemporânea.

2025 acabou. Mas não esqueçamos que 2026 é, deverá ser, o ano que pela voz das urnas mostraremos quem somos, que Brasil queremos, de que políticos precisamos em nosso Parlamento.

Olharemos uma a uma as folhas de votação no Congresso. E, na linguagem que Suas Excelências dominam, "vale o que está escrito ".

Não culpemos o calendário apenas. Há hoje a certeza absoluta de que algo de muito grave vem-se desdobrando em sucessivas quedas desde os anos 70 do século passado.

O conluio Reagan-Thatcher está na origem da eliminação dos amortecedores institucionais a coibir o capitalismo predatório batizado de neoliberalismo.

O desmonte das leis anti-monopólio, a desregulação dos Bancos Centrais criou mecanismos perversos de créditos podres e bolhas diversas, das quais a crise hipotecária nos Estados Unidos é o exemplo mais dramático.

A cobiça desenfreada, retratada magistralmente no cinema americano nos serviu de ilustração.

De Regan a Trump sofisticou- se apenas a conversa fiada e a violência. Devemos a figuras patibulares a criação de associações de extrema direita que conquistaram inclusive políticos brasileiros.

Misturou-se no Brasil velhos e sovados slogans do Integralismo de Plinio Salgado com crenças religiosas respeitáveis, mas intencionalmente colidentes com os direitos fundamentais do cidadão, como a educação laica.

O espírito anti-cívico revestiu-se de uma desumanização deplorável por ocasião da epidemia da COVID. O Brasil foi o segundo maior país em óbitos.

E a herança de toda esta subversão de nossa Constituição - pois é disso que se trata - dividiu nossa sociedade de forma quase irreparável. Em nome de Deus, rompeu-se intencionalmente o sentimento de solidariedade no íntimo das famílias.

O ano de 2026 será a oportunidade de refazermos nosso Congresso, passo essencial para retomarmos os projetos sociais e econômicos mandatados por nossa Constituição.

Aliás, nesses dias em que tanto se fala em Códigos de Conduta, seria importante lembrar que o único Código de Conduta que nos obriga a todos é a Constituição de 1988. Os problemas que vivemos hoje derivam da tentativa de rasgá-la, domesticá-la no que tem de melhor: os direitos fundamentais elencados em seu artigo quinto.

Aliás, seria ótimo se em nosso Congresso pudesse ser regulamentada a ação dos "lobbies". Gostaria de saber quem defende, por exemplo, as regras leoninas de proteção abusiva das patentes farmacêuticas. Quem acha correto que os seguros-saúde possam eliminar idosos com doenças crônicas.

Temos uma legislação eleitoral que financia Partidos políticos que não precisam se curvar ao poder econômico. E mesmo assim…

E, sobretudo, gostaria de conhecer os que apoiam a liberdade de plataformas internacionais de comunicação, sem estrita obediência a nossas leis aplicáveis.

O bom-mocismo é irmão xifópago do mau-caratismo. Durante os muitos anos de minha vida na Diplomacia parlamentar, o que mais me vexava não era a audácia abusiva de meus colegas de países desenvolvidos. O que mais me chocava era ver colegas de países em desenvolvimento a defender posturas contrárias a nossos interesses com argumentos de um enrustido tropismo colonial.

Hoje, ver a mesma atitude em políticos brasileiros, muito além de me provocar desgosto, me convence de que a pior praga do subdesenvolvimento é a covardia moral.

Bom 2026 para todos.